

A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA MATERNA NA PRODUÇÃO ESCRITA DE APRENDIZES BRASILEIROS DE INGLÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Gustavo Estef Lino da Silveira (UERJ)

gutolino@oi.com.br

Jean Moreira de Sousa (SME-RJ)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a influência que a língua materna (LM) exerce na produção escrita de aprendizes brasileiros de inglês como língua estrangeira. Para tal fim, será preciso revisitar conceitos importantes muito em voga na década de 1970 como interlíngua (SELINKER, 1972 *apud* CRISTÓVÃO, 1996) e a análise de erros (ELLIS, 1997). O estudo analisou 20 redações de alunos concluintes de um curso livre de idiomas na cidade do Rio de Janeiro nos gêneros narrativo e argumentativo. Os alunos deveriam escrever um texto de um dos gêneros textuais como parte de uma avaliação final para a obtenção da certificação final do curso. Durante a análise constatou-se que a maioria dos alunos preferiu escrever textos narrativos. Houve maior influência da língua materna nestes textos que em argumentações. Conclui-se que os alunos transferem as experiências vivenciadas em língua materna junto com características da língua para a escrita em uma língua estrangeira influenciando o produto final com textos contendo características do sistema linguístico da língua materna do aprendiz. Além disso, pôde-se ser constatado que quanto mais os alunos adquirem proficiência na língua estrangeira (LE) menos irão recorrer a língua materna como um recurso para produzirem seus textos.

Palavras-chave: Didática da língua estrangeira.

Inglês como língua estrangeira. Ensino de escrita em inglês.

1. Introdução: as origens do estudo

Tradicionalmente, aprendizes brasileiros de inglês como língua estrangeira (ILE), costumam ouvir a batida frase de que é preciso “pensar em inglês para dominar o idioma”. Embora muitos alunos possam não entender muito bem o que isso signifique, eles sempre foram compelidos a abolir o uso da língua materna nas aulas de inglês. Essa ideia vigorou por muito tempo e muitos professores ainda pensam desta forma. Mas como os aprendizes podem banir o uso da língua materna das aulas de inglês como língua estrangeira se, talvez, seja este o único recurso que ele pode contar durante o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira?

Como professores de inglês, perguntamos a nós mesmos essa per-

gunta, principalmente, ao analisar as redações dos nossos alunos. Tal fato deve-se, principalmente, à influência da língua materna (LM) dos mesmos (no caso, o português) na escrita. Perguntas como: Os aprendizes realmente evitam itens léxico-gramaticais que não encontram correlatos em sua língua materna? As redações em inglês carregam características da escrita em língua materna? Qual seria o papel da língua materna dos aprendizes nesse processo de escrita em inglês como língua estrangeira? Essas são as perguntas que nortearão o presente artigo e que tentaremos responder ao longo do estudo.

Wenyu Wang e Quiufang Wen (2002)³ afirmam que os escritores de língua estrangeira possuem mais de uma língua à sua disposição e podem fazer uso tanto da língua materna quanto da língua estrangeira para a realização de tarefas cognitivas durante a escrita em língua estrangeira. Isso significa que o processo de escrita em língua estrangeira é diferente do processo em língua materna. No primeiro, os aprendizes podem fazer uso de duas línguas concomitantemente, logo, a depender do nível de proficiência do aprendiz, o grau de influência da língua materna pode ser mais evidente ou não. De acordo com Alexandra Rowe Krapels (1987), o uso da língua materna é uma estratégia bastante comum entre aqueles que escrevem em uma língua estrangeira.

Ao ler e corrigir as composições de nossos alunos, pudemos perceber que embora haja partes em que a influência da língua materna leve os alunos a escreverem frases incorretas ou não apropriadas na língua estrangeira, também pode-se perceber que os mesmos fazem muito uso de palavras cognatas, expressões transparentes e frases certas e inteligíveis mas que os uso parece, de fato, ter sido motivado pela língua materna, corroborando a ideia de Alexandra Rowe Krapels, citada anteriormente.

Nossa prática docente parece nos demonstrar que os professores de inglês como língua estrangeira querem que seus alunos aprendam a escrever o mais fluentemente possível, sem a influência da língua materna. No entanto, há muitos casos em que os textos produzidos pelos alunos são claramente influenciados pela língua materna, mas que não impedem sua inteligibilidade, coesão e coerência textuais.

³ Todos as citações de artigos escritos originalmente em inglês foram traduzidas livremente pelos autores deste artigo.

2. Objetivos do estudo

O presente trabalho tem como objetivo analisar a influência da língua materna na produção de textos de aprendizes brasileiros de inglês como língua estrangeira. Acredita-se que a língua materna pode auxiliar os alunos a organizarem suas ideias em uma outra língua e a transferi-las para a língua estrangeira. Além disso, pode-se ressaltar que a língua materna pode também contribuir para a compreensão do sistema linguístico de uma língua estrangeira. Após algum tempo de exposição a uma língua estrangeira, os alunos podem vir a se tornar capazes de transferir automaticamente suas ideias e conhecimentos acerca de uma língua para outra e distinguir diferenças entre as línguas. Eles também podem ser capazes de dizer o que é possível ser dito em uma língua ou não; sendo assim, teriam uma maior consciência linguística entre as línguas e suas estruturas.

É mister ressaltar que é escopo deste estudo observar se a língua materna, utilizada como um suporte para a construção de sentido em uma língua estrangeira, é um fator de impedimento, ou um facilitador na produção textual dos alunos. Para isso, pretende-se investigar até que ponto a língua materna, utilizada como recurso para a produção textual, é considerada como sendo bem-sucedida. Pretende-se, com isso, descrever como, muitas vezes, a produção de certas frases e estruturas é influenciada pela língua portuguesa, mas o sentido e a precisão gramatical não foram afetados. Também analisaremos exemplos em que a língua materna levou a um impedimento na comunicação. Tais análises possivelmente darão aos professores uma maior perspectiva acerca de como o desenvolvimento do processo de escrita em uma língua estrangeira acontece.

3. Revisão da literatura

3.1. A visão acerca da língua materna no passado

Neste capítulo, pretendemos fazer uma breve descrição acerca do papel da língua materna no processo de aquisição de uma língua estrangeira segundo alguns métodos de ensino.

A visão do uso da língua materna em sala de aula como uma ferramenta de auxílio ao processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira vem mudando ao longo do tempo. Nos primeiros métodos de ensino de língua estrangeira, a tradução era o recurso mais importante a ser utilizado na aprendizagem de uma nova língua. O uso da gramática, de obras literárias e sua consequente tradução eram o lema principal do

método da gramática-tradução. Havia a comparação entre as regras das línguas estrangeiras e da língua materna como forma de ensino.

No entanto, anos depois com o surgimento do “método direto” houve um movimento contrário à essa perspectiva onde o uso da língua materna começou a ser proibido em sala de aula. De acordo com a teoria behaviorista, o uso de uma língua materna em sala de aula de língua estrangeira poderia resultar em uma interferência negativa (CRISTÓVÃO, 1996, p. 55). Os alunos não podiam fazer alusão a língua materna, sob hipótese alguma, durante as aulas. Em seus estudos sobre aquisição de linguagem, Sérgio Romanelli (2006) menciona que de acordo com o “método direto” o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira deve ocorrer apenas com o uso da língua estrangeira e os professores jamais devem fazer menção à língua materna dos aprendizes. Por outro lado, com o surgimento de estudos acerca da aprendizagem por “análise contrastiva”, as comparações entre ambas as línguas começaram a ser encorajadas a partir do fato que tais contrastes poderiam ajudar os alunos a evitar cometer erros frequentes.

3.2. O papel da língua materna nas aulas de língua estrangeira no presente

Mais recentemente, o uso da língua materna tem sido visto como uma espécie de auxílio para facilitar o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. De acordo com Rod Ellis (1997), a língua materna pode ser vista como um recurso que contribui para o desenvolvimento do processo de aquisição de uma língua estrangeira.

Entende-se que muitos alunos fazem uso da língua materna intuitivamente fazendo uma análise contrastiva inconsciente entre ambas as línguas (materna e estrangeira) e isso pode persistir até os níveis mais avançados. Tal estratégia parece servir de *muleta* para ajudar os alunos a caminharem em direção à língua que desejam aprender e superar os obstáculos encontrados durante tal processo. É nesta metáfora do caminhar entre as duas línguas que podemos definir o conceito de *interlíngua*. Larry Selinker (1972 *apud* CRISTÓVÃO, 1996, p. 57) estudou tal conceito. Em sua visão, essa pode vir a ser definida como um sistema linguístico que difere tanto da língua estrangeira quanto da língua materna. O autor afirma que na mente do aprendiz, a interlíngua tem uma base sólida em sua língua materna, mas com aspectos das regras da língua estrangeira. Vivian Cook, John Long e Steven McDonough (1979) ressaltam que a

interlíngua é um sistema único criado particularmente pelos aprendizes de língua estrangeira. Para ela, o aprendiz possui um sistema próprio de regras, diferente tanto de uma língua quanto da outra. Tal sistema, funcionaria como um repertório linguístico de uma criança, o qual está em constante mudança e desenvolvimento em direção à língua estrangeira.

Larry Selinker (1972 *apud* CRISTÓVÃO, 1996, p. 57) menciona que poderia haver aprendizes que seriam capazes de produzir frases não encontradas na língua estrangeira. Tais exemplos seriam considerados como altamente influenciados pela língua materna do aprendiz, mas que não necessariamente poderiam ser classificados como gramaticalmente incorretos e poderiam, de alguma maneira, ser compreendidos por um falante nativo da língua estrangeira.

3.3. O papel da língua materna no processo de escrita em inglês como língua estrangeira

Muitos estudos americanos da década de 1980 tinham como objetivo analisar o processo de escrita em uma língua estrangeira e traçar as similaridades entre a língua materna e a língua estrangeira ao invés de suas diferenças. De acordo com Tony Silva (1991), os aprendizes podem utilizar ambas as línguas em suas operações cognitivas. Para o autor, muito pouca atenção tem sido dada aos estudos em aquisição de uma segunda língua aos contrastes entre as línguas que o aprendiz tem a seu dispor.

No entanto, em um estudo de caso conduzido por Nancy Duke Lay (1982) com quatro aprendizes chineses, a autora afirma que os alunos utilizavam sua língua materna no processo de concatenação de ideias antes de iniciarem a escrita de uma redação em língua estrangeira. Em um estudo semelhante, Alister Cumming (1990) afirmou que os alunos observados utilizaram a língua materna na busca por palavras apropriadas, para encontrar equivalentes linguísticos entre ambas as línguas e para raciocinar acerca das escolhas linguísticas na língua estrangeira durante o processo de escrita.

Kozue Uzawa e Alister Cumming (1989) conduziram uma pesquisa envolvendo dez aprendizes anglo-canadenses durante um curso intermediário de japonês. Eles relataram o seguinte: oito alunos relataram ter usado o inglês intensamente para ter ideias, buscar assuntos, desenvolver conceitos e organizar as informações ao escrever em japonês. Seis

desses alunos relataram ter escrito rascunhos em inglês antes de escrever a versão final na língua estrangeira. Dois alunos mencionaram que ensaiaram suas ideias mentalmente na sua língua materna antes de escrever o texto na língua estrangeira.

Julio Roca; Liz Murphy e Rosa Manchon (1999) investigaram como cinco estudantes espanhóis de nível intermediário produziam seus textos em inglês. Tal estudo revelou um uso intenso da língua materna dos aprendizes durante o processo de produção textual. Os alunos utilizaram a língua materna para expandir, elaborar e ensaiar ideias. Eles também produziram textos em espanhol antes de escrever a versão final em inglês.

Um outro estudo, feito por Wenye Wang e Quiufang Wen (2002) analisou 32 textos de aprendizes chineses de inglês como língua estrangeira. Os objetivos da pesquisa foram: 1) investigar se os alunos tendem a utilizar mais a língua materna de acordo com o gênero textual escolhido e; 2) avaliar se o uso de língua materna diminuiria conforme os alunos fossem se tornando mais proficientes na aquisição da língua. Este foi um estudo de prática exploratória envolvendo dezesseis aprendizes. Os alunos deveriam escrever dois textos de gêneros textuais diferentes: uma narrativa e uma argumentação.

A conclusão aponta que os alunos fizeram uso da língua materna no processo de elaboração e organização das ideias, também fizeram muito uso da língua materna ao redigir o texto em si. Das 32 redações analisadas, vestígios do uso da língua materna estavam presentes em quase todas (31), apenas uma estava escrita total e fluentemente em inglês. A quantidade desta influência da língua materna também variou de acordo com o gênero textual produzido, ou seja, 32% das narrativas envolviam o uso da língua materna dos aprendizes, enquanto que 24% dos textos argumentativos mostravam evidências de uso da língua materna.

O estudo também revelou que a quantidade de língua materna presente nos textos variou de acordo com o nível de proficiência dos aprendizes. O uso da língua materna, de fato, diminuiu com o progresso dos alunos na aprendizagem do idioma. A maioria dos alunos de nível básico apoiou-se quase completamente na língua materna para escrever seus textos. Eles precisavam fazer uso do chinês para compreender as instruções, reter as informações pedidas, organizar ideias e controlar o fluxo da produção textual. Tais alunos produziram seus textos primeiramente em chinês e, depois traduziram-no para o inglês. Já no nível in-

intermediário foi mensurado um nível aproximado de 32% de uso da língua materna no processo da escrita, enquanto que no nível avançado, a média chegou a 15%. Isso quer dizer que, quanto mais proficiente um aprendiz se torna na língua estrangeira menos ele irá se apoiar na língua materna para escrever textos em uma língua estrangeira.

O estudo de Wenyu Wang e Quiufang Wen nos mostra que o processo de escrita em uma língua estrangeira é um processo bilíngue. A língua materna dos aprendizes pode estar presente em várias atividades de produção textual, como por exemplo: concatenação e organização de ideias, e na produção final dos textos. Os aprendizes utilizaram mais a língua materna ao narrar fatos e em menor grau ao escreverem textos argumentativos.

Corroborando tal ideia, Alexander Friedlander (1987) afirma que para que os alunos façam menos uso de sua língua materna os professores devem evitar pedir que os mesmos escrevam sobre assuntos relacionados às suas experiências vividas, em sua língua materna. Ou seja, as experiências vividas em língua materna e a memória afetiva parece ter um papel crucial no processo de aquisição de uma língua estrangeira.

4. Metodologia de pesquisa

4.1. Perfil dos aprendizes analisados

Neste capítulo, trataremos de descrever o perfil dos aprendizes envolvidos nesta pesquisa. Foram selecionados vinte textos de alunos concluintes de um curso de inglês privado de nível intermediário-avançado na cidade do Rio de Janeiro. O livro didático adotado pela instituição foi produzido no Brasil pela editora pertencente à instituição de ensino.

As redações analisadas fazem parte do exame final que os alunos realizam ao término de cinco anos de curso a fim de obter o certificado de conclusão. Muitos desses alunos não têm contato com o idioma fora da sala de aula. No entanto, praticam minimamente produção textual em inglês desde o início do curso.

As aulas de produção textual são lecionadas tendo como base textos-modelo de diferentes gêneros textuais, os quais os alunos devem reproduzir. Os alunos devem ler um texto de determinado gênero, responder a algumas questões de interpretação do mesmo e depois escrever um

texto semelhante. Ou seja, é dada pouca ou nenhuma ênfase aos processos de elaboração da retórica textual e das características que cada gênero deve conter. A ênfase das aulas é a replicação de um modelo de texto considerado ideal.

4.2. Análise do corpus

Passamos a seguir a descrever o processo de leitura e análise das redações coletadas. Os textos foram analisados qualitativamente, ou seja, lemos todas as redações para tentar compreender o processo cognitivo no qual se ancorava o produto final. Em outras palavras, embora tenhamos feito uma análise subjetiva dos textos, nosso alvo era tentar entender o processo que tinha levado os alunos a escrever os produtos finais em nossas mãos.

Ao lermos as redações e encontrarmos frases ou palavras que soavam *estranhas* em inglês ou que pareciam ter grande influência da língua materna do aprendiz anotávamos tais exemplos em uma tabela (Quadro 1 a seguir). O objetivo era tentar encontrar: semelhanças e diferenças entre as línguas e características da influência da língua materna no processo de escrita. As redações foram lidas pelos dois pesquisadores e apenas os itens em concordância entre ambos foram selecionados.

A influência do português foi notável na grande maioria dos textos analisados. Muitas frases, à primeira leitura, pareciam estar gramaticalmente incorretas, mas após um olhar mais cuidadoso podíamos compreender o que os alunos queriam dizer. Tais casos foram classificados como sendo aqueles que sofreram influência da língua materna do aprendiz, pois nós como professores que compartilhamos a mesma língua materna dos alunos entendemos o significado ali descrito, mas o mesmo não pode ser afirmado em relação a um falante nativo do idioma. Sendo assim, criamos uma classificação própria para os casos de influência da língua materna contendo os 15 tipos mais frequentes, conforme pode ser visto no Quadro 1 a seguir (as partes grifadas são as que foram consideradas como tendo sofrido influência da língua materna).

1. O uso de preposições desnecessárias.
Exemplo 1: I would ask to my friend if she could go to shopping another day. Exemplo 2: She called to her parents. Exemplo 3: ...when I need of her.
2. O uso de preposições que não fazem a colocação apropriada com determi-

nado verbo em inglês.
Exemplo 1: I'll prove for my teacher that he was right. Exemplo 2: First, think in your career. Exemplo 3: You wouldn't pay attention in the classes.
3. Erro no tempo verbal, aspecto e forma.
Exemplo 1: I'll always thank my mom for have gave me a present like that. Exemplo 2: They decided to came back home. Exemplo 3: Traveling around the world will provides you with experience.
4. Falta de sujeito em algumas frases.
Exemplo 1: Then he told me that * got a scholarship for me. Exemplo 2: Jennifer answered the phone and asked who was talking and why had said all this. *
5. Frases inteiramente escritas com base na estrutura do Português ao invés da língua estrangeira.
Exemplo 1: My dream always was live in USA, principally in California. Exemplo 2: ...love depends on a form to see others people...
6. Uso desnecessário de artigo definido.
Exemplo 1: The love is blind. Exemplo 2: The people would say that love is... Exemplo 3: When we finished the high school, the first thing...
7. Escolha lexical errônea (verbos, substantivos).
Exemplo 1: good to increase my comprehension. Exemplo 2: There was no light , because of a blackout. Exemplo 3: We have many sacrifices to realize our dreams. Exemplo 4: We need to establish some ideas and concepts.
8. Comparativos e superlativos.
Exemplo 1: I am more calm . Exemplo 2: And the better : it was a six-month travel. Exemplo 3: ...and he sees her so less fat than she really is.
9. O uso do verbo stay em situações que não se aplicam.
Exemplo 1: I stayed with my friend (I had a night stand with) Exemplo 2: I stayed a little bit angry. Exemplo 3: I would stay very busy.
10. O uso de verbos no infinitivo como parte do sujeito sem adicionar a terminação -ING .
Exemplo 1: Study abroad is a good opportunity for me. Exemplo 2: By the way, go shopping is not my cup of tea.
11. O não uso de expressões linguísticas que não possuem um equivalente na língua materna, por exemplo, <i>phrasal verbs</i> e expressões idiomáticas.
Exemplo 1: It's important to think well .

Exemplo 2: I'm just giving you suggestions to help you make * your mind.
12. O uso de falso cognatos como se tivessem o mesmo significado em inglês.
Exemplo 1: I can attend my friend's request. Exemplo 2: ...her phone rang. She ran to attend it.
13. Flexão de adjetivos.
Exemplo 1: ...with greats classes... Exemplo 2: There are different couples in the whole world.
14. A criação de expressões fixas que existem em português, mas não em inglês.
Exemplo: I don't lie for her, because " lies have short legs "
15. A criação de palavras que não existem em inglês.
Exemplo 1: I combined with my mother to call me. Exemplo 2: There was a metallic mallet .

Quadro 1: Exemplos da influência da língua materna no corpus.

Os casos mencionados no Quadro 1 foram compilados com base na quantidade de ocorrências. A influência da língua materna parece ter ocorrido com mais frequência em exemplos gramaticais em detrimento dos lexicais. É fato que algumas imprecisões podem impedir o entendimento da frase, mas em muitos casos os alunos conseguem transmitir sua mensagem, especialmente se o leitor do texto for outro aprendiz brasileiro de inglês como língua estrangeira.

4.3. Discussão dos dados

Para este capítulo cremos ser importante abordarmos três questões: 1) a maneira como os aprendizes utilizam a língua materna; 2) o papel que os diferentes gêneros textuais exercem no processo de escrita em língua estrangeira e; 3) as habilidades dos aprendizes na produção escrita.

Primeiramente, mencionaremos a forma como os alunos fazem uso da língua materna e o papel que esta exerce na escrita. Tendo em mente que os alunos estão concluindo um curso de cinco anos, podia ser esperado maior independência no uso da língua estrangeira por parte dos aprendizes, o que parece não ter acontecido. Podemos dizer que os alunos não foram se tornando mais autônomos no uso da língua estrangeira conforme foram adquirindo proficiência na língua, como afirma o estudo de Wenyu Wang e Quiufang Wen (2002). Houve uma clara evidência da

influência que a língua materna dos alunos exercia na construção dos textos. Muitos desses casos resultaram em erros básicos da língua como a flexão de adjetivos. Como no exemplo: *greats classes*.

Uma das possibilidades que apontamos para tal fato ter acontecido pode ser que tais alunos não tenham, de fato, alcançado um nível de proficiência que a instituição afirma que eles possuam ou quiçá não possuem o mesmo conhecimento linguístico dos alunos mencionados no estudo chinês.

Em segundo lugar, a escolha do gênero textual pelos alunos influenciou na quantidade de uso da língua materna encontrada nas redações. Durante a avaliação os alunos tiveram a opção de escolher entre escrever um texto narrativo ou um argumentativo. Dos 20 alunos do grupo, 16 optaram pela narrativa e 4 a argumentação. Os 4 textos argumentativos apresentaram uma influência muito menor de língua materna que as 16 narrativas.

Por último, pode-se afirmar que não é o foco da instituição de ensino analisada a ênfase ao ensino da produção escrita em língua estrangeira. Isso quer dizer que os alunos tiveram muito pouca prática em sala de aula. Também pode ter havido uma certa interferência emocional durante a escrita já que os alunos estavam pressionados por realizarem uma prova para obter uma certificação de conclusão do curso e tinham um tempo cronometrado a seguir.

É indubitável dizer que o ensino da produção escrita deve ser priorizado por instituições de ensino de idiomas que trabalhem as quatro habilidades de uma língua e que queiram que seus alunos dominem o idioma por completo. No entanto, há de considerar que o conhecimento linguístico nem sempre é adquirido juntamente ao conhecimento acerca dos processos de produção textual. Muitas vezes os alunos podem aprender um idioma, mas ter deficiência no desenvolvimento de determinada habilidade, como por exemplo, a escrita.

5. Conclusão

Terminamos esta pesquisa voltando às perguntas que foram elencadas no capítulo 1 do estudo, conforme mencionamos a seguir. Os aprendizes realmente evitam itens léxico-gramaticais que não encontram correlatos em sua língua materna? Esta primeira pergunta tem a ver com a nossa presunção, como pesquisadores e professores, de que os alunos

tendem a evitar certos itens léxico-gramaticais, como por exemplo, expressões idiomáticas e *phrasal verbs* os quais não possuem um equivalente exato na sua língua materna. De fato, tais expressões não foram muito frequentes no *corpus* de análise e os alunos realmente preferiram não fazer uso de expressões que não eram facilmente traduzíveis para o português, sendo preferido o uso de palavras cognatas e semicognatas (também chamadas de palavras transparentes ou semitransparentes).

As redações em inglês carregam características da escrita em língua materna? Observamos que os textos carregavam exemplos que são muito típicos do sistema linguístico do português. Com isso, pode-se afirmar que os alunos utilizam sua língua materna como base linguística para o aprendizado de uma outra língua. Parece que os alunos utilizaram a língua materna para raciocinar sobre os fatos a serem escritos em uma outra língua.

Qual seria o papel da língua materna dos aprendizes nesse processo de escrita em inglês como língua estrangeira? Podemos concluir que os alunos transferiram o conhecimento que possuem em língua materna ao escrever em língua estrangeira. Esta transferência pode ajudá-los em casos de similaridades linguísticas entre a língua estrangeira e a língua materna. No entanto, em alguns casos pode vir a resultar em erros.

Podemos sugerir que as instituições de ensino de inglês, como língua estrangeira, trabalhar com inglês geral, priorizando mais as aulas de produção textual no currículo, mesmo em detrimento da extrema ênfase dada à habilidade oral.

Concluímos ressaltando a importância que a língua materna do aprendiz exerce no seu processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. Ressaltamos que seu uso não deve ser indiscriminado, mas o professor deve ter a consciência, como facilitador do processo de ensino-aprendizagem, que demonstrar as semelhanças e diferenças entre ambas as línguas pode ser um facilitador na aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COOK, Vivian, LONG, John, McDONOUGH, Steven. First and second language learning. In: PERREN, George E. (Org.). *The mother tongue and other languages in education*. London: CILTR, 1979, p. 1-14.

CRISTÓVÃO, Vera Lúcia Lopes. *L1 coconstruindo L2?* 1996. Dissertação

(de mestrado). PUC, São Paulo.

CUMMING, Alister. Metalinguistic and ideational thinking in second language composing. *Written Communication*, n. 7, p. 482-511, 1990.

ELLIS, Rod. *Second language acquisition*. Oxford: OUP, 1997.

FRIEDLANDER, Alexander. Composing in English: effects of a first language on writing in English as a second language. In: KROLL, Barbara. *Second language writing: research insights for the classroom*. Cambridge: CUP, 1987, p. 109-125.

KRAPELS, Alexandra Rowe. An overview of second language writing process research. In: KROLL, Barbara. *Second language writing: research insights for the classroom*. Cambridge: CUP, 1987, p. 37-56.

LAY, Nancy Duke. Composing processes of adult ESL learners. *TESOL Quarterly*. vol. 16, p. 406, 1982.

ROCA, Julio; MURPHY, Liz; MANCHON, Rosa. The use of restructuring strategies in EFL writing: a study of Spanish learners of English as a foreign language. *Journal of second language writing*, n. 8, p. 13-44, 1999.

ROMANELLI, Sérgio. *Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão*. Salvador: UFBA, 2006.

SCHWEERS, Charles William Jr. Using L1 in the L2 classroom. *English teaching forum*, 1999.

SILVA, Tony. Second Language composition instruction: developments, issues and directions in ESL. In: KROLL, Barbara. *Second language writing: research insights for the classroom*. Cambridge: CUP, 1991, p. 11-23.

UZAWA, Kozue; CUMMING, Alister. Writing strategies in Japanese as a foreign language: lowering or keeping up the standards. *The Canadian mother language review*, n. 46, p. 178-194, 1989.

WANG, Wenyu; WEN, Quiufang. L1 use in the L2 composing process: an exploratory study of 16 Chinese EFL writers. *Journal of second language writing*. vol. 11, n. 3, p. 225-246, 2002.